



Artigos

Enviado por Murillo de Aragão -

6.1.2012

| 17h04m

POLÍTICA

## Salvem os alunos!

Caco Antibes, o inesquecível personagem da série Sai de baixo interpretado por Miguel Falabella, um dos mais brilhantes atores e autores de sua geração, dizia, sem mais nem menos: “Salvem as professorinhas!”

O bordão alertava todos os que assistiam ao programa sobre a urgente necessidade de se valorizar a profissão e, sobretudo, de se recolocar o professor – seja ele de que nível for – no seu devido lugar dentro da sociedade.

Infelizmente, não são apenas os professores que devem ser salvos. O problema é mais grave, e o bordão de Caco Antibes poderia ser complementado com o título desta coluna.

Pois bem, o Brasil de 2012 vai se iniciar com um déficit de 300 mil professores. Faltam-nos, principalmente, professores de matemática, química e física.

Para um país de quase 200 milhões de habitantes, existem somente 2 milhões de professores nas redes estaduais e municipais. É muito pouco.

Há escolas na Finlândia que têm três professores por classe, cada qual com apenas 16 alunos! Algo surreal de ser imaginado no Brasil de hoje.

Enquanto o governo discute comprar milhões de tablets para serem distribuídos aos alunos, não temos professores suficientes para eles!

Pior: os que resistem na profissão – já que ensinar na rede pública é um ato de resistência – ganham um salário humilhante frente à responsabilidade exercida.

O piso nacional no magistério é de R\$ 1.187 por 40 horas de aula por semana. No DF, o salário é de R\$ 3.472. No entanto, outros profissionais com formação similar ganham muito mais, por exemplo, os policiais.

Nada contra, pelo contrário: policiais devem ser muito bem pagos. Mas os professores também. E as razões são mais do que óbvias.

No Rio, de acordo com o Sindicato Estadual dos Profissionais de Ensino, pelo menos um professor pede exoneração por dia. Não é para menos.

As greves na rede pública, embora sejam uma constante, resultam em poucas medidas práticas. No ano passado, em pelo menos sete estados houve greves e paralisações que afetaram mais de 2 milhões de estudantes.

Em agosto, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) convocou uma paralisação nacional na rede pública para reivindicar o cumprimento da lei que estabelece o piso salarial para a categoria.

De acordo com a CNTE, professores de diversas localidades do país sequer recebiam o piso nacional. A entidade pedia ainda que o governo federal reajustasse seu valor: de R\$ 1.187 para R\$ 1.597.

Além da carência de professores e do seu salário desestimulante, nossos alunos – alunos da quinta economia do planeta – ainda têm que lidar com uma educação obsoleta e inadequada para os nossos tempos.

Infelizmente, a rede pública, outrora motivo de grande orgulho no país, foi desmantelada e relegada aos que não têm dinheiro para pagar escolas privadas.

Lamentavelmente, os filhos dos políticos e dos ricos não frequentam as escolas públicas nem são afetados pelas sucessivas greves.

O que fazer? É um desafio imenso para uma sociedade que quer se modernizar e precisa, urgentemente, melhorar a educação de sua juventude.

**Murillo de Aragão** *é cientista político*

Siga o **Blog do Noblat no twitter**

Ouçã a **Estação Jazz e Tal, a rádio do blog**

Visite a **página de vídeos políticos do Blog do Noblat**

**Receba este blog**

**Permalink**

**Envie**

- Compartilhe:
- **Del.icio.us**
- **Digg**
- **Technorati**
- **Stumble Upon!**

**Comente** [Ler comentários \(0\)](#)